

Larosière defende o reescalamento

A.M. PIMENTA NEVES
Nosso correspondente

WASHINGTON— O diretor-gerente do FMI, Jacques de Larosière, defendeu ontem o reescalamento multianual das amortizações da dívida do México e disse que o Brasil também poderia merecer esse tipo de tratamento dos bancos, se continuasse realizando progressos no seu programa de ajustamento.

Falando perante banqueiros e autoridades na Conferência Monetária Internacional, em Filadélfia, de Larosière também pediu aos credores que estabeleçam prazos e condições realistas de pagamento, especialmente para os países que, tendo demonstrado bom desempenho econômico, passam a constituir menor risco.

Mas de Larosière rejeitou soluções mais abrangentes e generalizadas para minorar o serviço da dívida externa das nações do Terceiro Mundo. "Eu já disse isso antes e vou repetir: não há soluções mágicas para os problemas que estamos enfrentando", afirmou.

A seu ver, as "panacéias" que têm sido propostas "atraíram pouco apoio". Os que defendem essas "panacéias" querem que os bancos perdoem parte da dívida ou a transfiram para instituições oficiais, que se adotem garantias governamentais ou ainda que se vincule o serviço da dívida a uma ou outra variável econômica, como por exemplo a receita das exportações (como sugere o vice-presidente Aureliano Chaves).

Essas propostas não são recebidas com entusiasmo, disse De Larosière, porque cada país tem suas próprias características e porque envolvem subsídios ou perdas que têm de ser assumidos ou concedidos por instituições sobre as quais os autores das propostas não têm controle. "Em alguns sentidos, essas idéias tendem a criar expectativas injustificadas e podem, portanto, dificultar o processo de ajustamento", afirmou. Além disso, observou, poderiam muito bem provocar o recuo de alguns emprestadores. "De fato, essas técnicas têm de ser julgadas pela sua eficiência e pela sua capacidade em manter os vários financiadores ativamente envolvidos na tarefa de fortalecer o sistema financeiro internacional", declarou o diretor-gerente do Fundo.

Jacques de Larosière disse estar



Arquivo

Para o diretor-gerente do FMI, "não há soluções mágicas"

certo de que a estratégia mais produtiva é a que vem sendo posta em prática pelo FMI, com a colaboração de todas as partes interessadas — governos, bancos centrais, Banco de Pagamentos Internacionais (BIS), bancos comerciais e o Banco Mundial. O objetivo dessa estratégia é formar pacotes financeiros realistas ligados a programas de ajustamento que são ao mesmo tempo enérgicos e adaptados à situação de cada país".

De Larosière afirmou que esses programas têm funcionado muito melhor do que se esperava e que é preciso evitar o pessimismo.

MUITO A FAZER

Contudo, ainda há muita coisa a ser feita por todas as partes, disse. É imperioso que os países devedores continuem implementando seus programas de ajustamento, afirmou o diretor-gerente do FMI, acrescentando que precisam tornar-se mais flexíveis na área dos salários e preços, especialmente no que diz respeito às taxas de juros e de câmbio.

É ainda importante que esses países atraiam mais capital estrangeiro,

especialmente na forma de investimento direto, disse. A seu ver, um passo importante para isso é adotar políticas econômicas internas melhores, "mas muitos países também têm de desmantelar ou atenuar os controles administrativos (que exercem) sobre esses fluxos de capital (estrangeiro)", acentuou.

"Do ponto de vista dos países recipientes, o investimento direto representa uma forma mais segura de financiamento externo e não envolve a acumulação de dívida externa. Além disso, tem a vantagem de estar ligado à formação de capital produtivo, assim como a de ser parte de um pacote que inclui a transferência de tecnologia e habilidade", comentou.

PARADOXO

De Larosière considera paradoxal o fato de que o pessimismo no cenário internacional ressurgiu exatamente no momento em que alguns países devedores, como México e Brasil, mostram consideráveis progressos. Ele previu que ambos crescerão este ano, embora não disse quanto. Mas revelou que os nove maiores países que cumprem programas do FMI aumentarão suas im-

portações em 12% em 1984. No ano passado, suas importações declinaram em 9%. "Isso significa uma reviravolta de quase US\$ 25 bilhões — um impressionante estímulo potencial para o comércio mundial", disse.

Uma das razões para o paradoxo, explicou, é o tempo que leva para que o progresso desses países seja reconhecido. Outro fator, disse, foi a recente elevação das taxas de juros internacionais, já que cada ponto de porcentagem de aumento adiciona US\$ 3,5 bilhões a US\$ 4 bilhões no serviço da dívida das nações em desenvolvimento.

Mas De Larosière tentou minimizar o impacto do aumento dos juros, afirmando que não foi surpreendente e que deve ser visto em perspectiva. A forte recuperação nos Estados Unidos e seu grande déficit comercial argumentou, permitiram que muitos desses países tivessem receitas inesperadas de exportações. "E as projeções subjacentes à maioria de nossos programas deixaram espaço para algum aumento dos juros em 1984. A posição externa dos países devedores deve ser avaliada à luz de todos esses elementos. Em minha opinião, sua posição de balança de pagamentos, é no geral, melhor hoje do que nos parecia há apenas seis ou oito meses", afirmou.

"O que é preocupante, entretanto, é a incerteza com que se encara a evolução futura das taxas de juros", disse De Larosière. Assim, voltou a afirmar que os países industrializados, especialmente os Estados Unidos, precisam reduzir seus déficits orçamentários, déficits esses que "estão contribuindo para manter as taxas de juros em níveis anormalmente altos".

O diretor-gerente do FMI disse também que já é tempo de reverter as manifestações de protecionismo que impedem o acesso de produtos do Terceiro Mundo às nações industrializadas. Propôs uma nova rodada de negociações no âmbito do Gatt que conduza à liberalização duradoura do comércio.

A Conferência Monetária Internacional, de que o diretor-gerente do FMI participou, reúne-se desde 1954. Dela fazem parte 112 bancos, sendo que 52 são grandes instituições dos Estados Unidos e 60 são bancos de outros países. Suas reuniões são fechadas à imprensa.